

---

## COMUNICAÇÃO, UMA CIÊNCIA DISRUPTIVA: ENTREVISTA COM MUNIZ SODRÉ

DANIELA NUNES ARAUJO<sup>1</sup>

DEIZE ALBERNAZ<sup>2</sup>

GABRIEL RICARDO SALUSTIANO CORDEIRO<sup>3</sup>

LAÍS SEBBEN XAVIER<sup>4</sup>

### RESUMO:

Este trabalho é uma entrevista coletiva com o professor Muniz Sodré, um acadêmico notável por sua abordagem crítica e inovadora na Comunicação e Cultura. A entrevista foi conduzida pelo Grupo de Estudos Muniz Sodré sobre Relações Raciais (GEMS), associado ao Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária (LECC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O objetivo foi explorar alguns dos conceitos de Sodré, tais como a “ciência do comum” e o racismo como “forma social escravista”, buscando uma compreensão mais profunda desses conceitos e como aplicá-los usando metodologias epistemológicas afrodiaspóricas e contra-coloniais na Comunicação. A entrevista foi organizada em três partes: “cenários e mudanças”, “epistemologia afirmativa a partir da construção do comum” e “forma social escravista em contraposição ao racismo estrutural”.

Palavras-chave: Muniz Sodré; Ciência do Comum; Metodologia Epistemológica.

### ABSTRACT:

This work is a collective interview with Professor Muniz Sodré, a notable academic for his critical and innovative approach to Communication and Culture. The interview was conducted by the Muniz Sodré Study Group on Racial Relations (GEMS), associated with the Laboratory of Studies in Community Communication (LECC) at the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ). The objective was to explore some of Sodré’s concepts, such as the “science of the common” and racism as a “slave social form,” seeking a deeper understanding of these concepts and how to apply them using Afro-diasporic and anti-colonial epistemological methodologies in Communication. The interview was organized into three parts: “scenarios and changes,” “affirmative epistemology from the construction of the common,” and “slave social form in opposition to structural racism.”

Keywords: Muniz Sodré; Science of the Common; Epistemological Methodology.

### RESUMEN:

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Comunicação e Cultura. Mestre em Educação, Comunicação e Cultura em Periferias Urbanas (FEBF/UERJ). Jornalista. Pesquisadora do GEMS. Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ). Rio de Janeiro/RJ. Brasil. E-mail: [danyela.araujo@gmail.com](mailto:danyela.araujo@gmail.com).

<sup>2</sup> Mestre em Ciência da Informação. Bibliotecária. Pesquisadora do GEMS. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia da Universidade Federal Fluminense (IBICT/UFF). Rio de Janeiro/RJ. Brasil. E-mail: [deizealbernaz@gmail.com](mailto:deizealbernaz@gmail.com).

<sup>3</sup> Mestrando em Cultura e Territorialidades e Mestrando Profissional em Economia Criativa, Estratégia e Inovação. Engenheiro de Produção. Pesquisador do GEMS. Bolsista CAPES. Universidade Federal Fluminense (UFF) e Escola Superior de Propaganda e Marketing do Rio de Janeiro (ESPM/RJ). Rio de Janeiro/RJ. Brasil. E-mail: [gabrielsalustiano@gmail.com](mailto:gabrielsalustiano@gmail.com).

<sup>4</sup> Mestranda em Comunicação e Cultura. Comunicóloga. Pesquisadora do GEMS e do MediaLab.UFRJ. Bolsista CAPES. Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ). Rio de Janeiro/RJ. Brasil. E-mail: [lais.sebben@gmail.com](mailto:lais.sebben@gmail.com).

---

Este trabalho es una entrevista colectiva con el profesor Muniz Sodré, un académico notable por su enfoque crítico e innovador en Comunicación y Cultura. La entrevista fue realizada por el Grupo de Estudios Muniz Sodré sobre Relaciones Raciales (GEMS), asociado al Laboratorio de Estudios en Comunicación Comunitaria (LECC) de la Universidad Federal de Río de Janeiro (UFRJ). El objetivo fue explorar algunos de los conceptos de Sodré, como la “ciencia de lo común” y el racismo como “forma social esclavista,” buscando una comprensión más profunda de estos conceptos y cómo aplicarlos utilizando metodologías epistemológicas afrodiaspóricas y anticoloniales en Comunicación. La entrevista se organizó en tres partes: “escenarios y cambios,” “epistemología afirmativa desde la construcción de lo común,” y “forma social esclavista en oposición al racismo estructural.”

Palabras clave: Muniz Sodré; Ciencia de lo Común; Metodología Epistemológica.

## INTRODUÇÃO

A presente entrevista visa contribuir para o dossiê "Metodologias e Epistemologias Afrodiaspóricas e Contra-Coloniais na Comunicação". A escolha do professor Muniz Sodré, como entrevistado, é respaldada pela sua trajetória acadêmica e intelectual que se destaca por uma abordagem crítica e inovadora no campo da Comunicação e da Cultura.

Muniz Sodré de Araújo Cabral, renomado pesquisador, professor e intelectual brasileiro, é graduado em Direito pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), possui mestrado em Sociologia da Informação e Comunicação pela Université de Paris IV (Paris-Sorbonne) e doutorado em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Foi professor titular da UFRJ, onde também fundou e coordenou o Programa de Pós-Graduação em Comunicação e, atualmente, aos 82 anos, segue professor emérito da mesma universidade.

Reconhecido nacional e internacionalmente, Sodré recebeu diversos prêmios e honrarias ao longo de sua trajetória, destacando-se como uma das vozes mais influentes da área no Brasil. Sua contribuição para o entendimento dos processos comunicacionais e culturais tem sido fundamental para o desenvolvimento do campo acadêmico e para a compreensão da sociedade contemporânea.

A entrevista foi realizada de forma coletiva, por membros do Grupo de Estudos Muniz Sodré sobre Relações Raciais (GEMS), vinculado ao Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária (LECC) na Escola de Comunicação da UFRJ. O GEMS, que carrega em seu nome a homenagem ao professor, se dedica à leitura de autores negros/as. A entrevista foi realizada por meio de plataforma remota e a escolha por este formato permitiu a gravação e a transcrição minuciosa da entrevista.

Para a condução da entrevista, foi elaborado previamente um roteiro de perguntas com foco na reflexão crítica sobre as epistemologias afrodiaspóricas e contra-coloniais na Comunicação. As questões foram elaboradas considerando os principais temas abordados nas

---

obras do entrevistado, bem como as demandas e interesses da comunidade acadêmica envolvida. Durante a entrevista, as perguntas foram apresentadas em blocos para que o entrevistado pudesse desenvolver o pensamento sobre o tema de cada intervenção.

Para nos adequarmos ao limite de palavras desta Revista, pequenos trechos de elaboração ou reforço de ideias foram suprimidos sem perda de informações relevantes para o debate. Ideias centrais foram destacadas em negrito. O objetivo é promover fluidez na leitura mantendo as nuances do pensamento do autor.

A entrevista com Sodré agrega-se ao campo das epistemologias afrodiaspóricas e contra-coloniais na Comunicação, contribui para a ampliação do conhecimento e para o fortalecimento de abordagens alternativas e emancipatórias no campo acadêmico. Espera-se que os insights e reflexões apresentados aqui inspirem novas pesquisas e práticas que valorizem e respeitem a diversidade cultural e epistemológica presente nas sociedades contemporâneas.

## CENÁRIOS E MUDANÇAS

**Integrantes do GEMS:** É possível pensar em uma epistemologia afirmativa da negritude? Na sua trajetória, as ações afirmativas são parte da construção de uma história de luta da intelectualidade negra. O que você observou de mudança?

**SODRÉ:** Durante a ditadura militar, houve algumas tentativas de sedução, de investigação, de minha atuação, de minha vida, querendo sempre me levar para a política, o Movimento Negro Unificado. E eu deixei claro, às pessoas que tentavam, e eram agentes de inteligência, dos órgãos de inteligência do governo, que eu era de esquerda, sou de esquerda politicamente. Mas minha participação nesse assunto era litúrgica, meu interesse vinha do terreiro. E diferia-se sempre da maneira como os ativistas, os militantes, tratavam a questão do negro. Quando eu comecei a entrar nesse assunto, só para falar o que que mudou, o ambiente negro era de raiva, era de reação. Eu sempre entendi essa raiva, entendi, compreendi. Essa raiva eu nunca tive. **Mas eu sempre entendi por que que o negro tem que ter raiva às vezes, porque a figura negra, principalmente a mulher negra, ela tem que metabolizar e repassar muito ódio. Muito ódio, que vem dos brancos.** E eu acho que a mulher negra sente isso mais do que o homem negro. Porque o homem se mantém, tem o escudo dele. Aquela posição machista, né? (...) O homem, de um modo geral, é machista. **A mulher negra enfrenta duplamente ou triplamente o preconceito dos brancos, o preconceito das mulheres brancas, mas enfrentam um ódio generalizado que ela metaboliza. O homem negro também metaboliza esse ódio.** Você engole muito o ódio e aprende, de certo modo, que você tem que lidar com ele internamente. O que ocorre, às vezes?

---

Você imita um pouco desse ódio também. Isso se chama catabolismo. Você metaboliza, mas você cataboliza também, você põe para fora. O cara lhe empurra, você o empurra de volta. Isso é a catabolização do ódio. Quando entrei no movimento negro, eu diria que essa fase era muito aguda. As doutrinas americanas, *Black Panther*<sup>5</sup>, *Black is Beautiful*<sup>6</sup>. (...) Mas esse movimento, era um movimento defensivo, reativo. E o *Black Panther*, antes de vocês nascerem, foi muito forte. Então isso nunca me satisfaz.

Mudou uma conscientização da parte dos negros, eu diria, só das mulheres negras, de que as coisas não são assim. Que essa raiva, esse ódio não adianta. Onde é que eu percebo isso? Com alunos, com alunas e, às vezes, com grupos. (...) As pessoas saíram, não quer dizer que seja todo mundo e que seja tão claro, mas saíram do movimento reativo, puramente reativo emocional, para estudar, para ler um pouco. Falar como você está falando em epistemologia. Eu acho que isso altera muito tudo. As cotas, as políticas afirmativas, contribuíram para isso. Contribuíram para algumas coisas, inclusive para isso.

Eu digo sempre, basta você ver o parecer, de 2012, que instituiu as cotas, foi um artigo inclusive secundário, nas universidades. Foi feito por um homem branco. (...) É altamente progressista, no momento em que toda a imprensa era contra as cotas, que a maioria das universidades, com exceção da UERJ que foi a primeira a adotar. A UFRJ, que é a minha universidade, só se mexeu mais recentemente. A USP, o jornal onde eles têm uma coluna aos domingos, Folha de São Paulo, era contra. Foi um branco que produziu aquele relatório, mas grande parte do que ele escreve ali está na tese sobre o racismo do meu prezado amigo Joaquim Barbosa e cito, inclusive, no “Fascismo da Cor<sup>7</sup>”. E lhe digo que muita coisa dali é do livro do Joaquim. Ainda bem, que bom! Mas o Lewandowski que assinou. Porque o Joaquim, no dia da votação, não pode comparecer.

---

<sup>5</sup> O Movimento dos Panteras Negras foi criado em 1966 como um partido político que teve uma perspectiva de autodefesa da população negra com violências políticas. Ver: SAMYN, Henrique Marques. **Os Panteras Negras: Uma Introdução**. São Paulo, 2023.

<sup>6</sup> *Black is Beautiful*, termo cunhado por John Rock, que inspirou um movimento estético-cultural nos anos 70 e que teve repercussões no Brasil. Ver: ROCK, John S. **I Will Sink or Swim with My Race**. 1858. (tradução nossa). A íntegra do discurso está disponível em: <http://www.blackpast.org/1858-john-s-rock-i-will-sink-or-swim-my-race>. Acesso em 19 abril 2024. Ver também: OLIVEIRA, L.X.D. **A cena musical da Black Rio: estilos e mediações nos bailes soul dos anos 1970**. Salvador: EDUFBA, 2018. Acesso em: 19 abril 2024.

<sup>7</sup> “É imperativo citar a análise empreendida pelo jurista Joaquim Barbosa, assumidamente negro, que era ministro destacado do STF quando da aprovação do Relatório Lewandowski” (SODRÉ, Muniz, 2023, posição 2.336, versão *Kindle*). Ver a tese na íntegra (citada por Muniz Sodré): GOMES, J.B.B. **Ação afirmativa & princípio constitucional da igualdade**. Renovar, 2001.

---

(...) Depois da “Ciência do Comum<sup>8</sup>”, eu escrevi um livro de leitura difícil, chamado “Pensar Nagô<sup>9</sup>”. Esse livro, sem nenhuma nota no jornal, em um mês esgotou a edição! Eu fiquei perplexo! Eu fui dar palestras em vários lugares, inclusive na Finlândia e na Rússia.

Então as coisas mudaram e por que mudaram? É uma classe, é uma idade diferente. E são pessoas que estudam, pessoas que estão interessadas em estudar. Não é só que estão na universidade não, são pessoas interessadas em estudar. Em graus diferentes de interesse.

Então a perspectiva agora, eu diria, e a ação, tem que ser um pouco mais reflexiva e mais séria. E eu acho que, sem querer bajular vocês, **eu acho que as mulheres têm comandado esse processo.** Essa é uma percepção (...) **as mulheres estão comandando esse processo, estão muito interessadas em saber, em discutir. Porque os diálogos, os debates ficaram também um pouco mais civilizados.** As pessoas não estão se permitindo mais simplesmente a ter a mesma atitude condescendente e machista que antes. Na cabeça sim, as pessoas continuam sendo machistas, mas o ambiente não permite mais. E, digamos assim, frescura, né? **E a mulher reage.** Então mudou, alguma coisa mudou.

## **EPISTEMOLOGIA AFIRMATIVA A PARTIR DA CONSTRUÇÃO DO COMUM**

**Integrantes do GEMS:** É possível outra epistemologia afirmativa, na perspectiva da negritude, tendo como parâmetro a construção do comum?

**SODRÉ:** É essa, para mim, a perspectiva do comum, esta emerge também, de várias dessas aí, de meu modo de pensar minhas categorias, apesar da linguagem. A linguagem acadêmica é uma linguagem que eu tenho, mas também vem de bases populares. Por exemplo, uma categoria que é fundamental para o pensamento de terreiro, a palavra que qualquer pessoa [que vivencia a vida de terreiro] entende, é a palavra **acerto**. O Mestre Didi<sup>10</sup>, que foi mestre de candomblé, de culto, próximo a mim, usava essa palavra. “Os velhos vão fazer um acerto.” O acerto decidido, quer

---

<sup>8</sup> SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum**: notas para o método comunicacional. Editora Vozes Limitada, 2015.

<sup>9</sup> SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

<sup>10</sup> Deoscóredes Maximiliano dos Santos, Mestre Didi (1917-2013), foi um sacerdote de culto de religião de matriz africana, artista plástico e escritor. Vide: DEZIDÉRIO, Gabriela da Silva. **A Construção de uma categoria arte afro-brasileira**: um estudo da trajetória artística de mestre Didi. 2015. Dissertação (Mestrado em Estudos Contemporâneos das Artes) - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.

---

dizer, é um acordo. “Vamos acertar” (...) **Esse acerto é acertar e construir o comum.** Tanto o comum não é dado, é essa a diferença com a comunidade já instituída, o tradicional ali já tem um comum acimentado, **o comum é na verdade, o que nasce da amizade de grupo**, do grego de *filia*<sup>11</sup>, significa amizade, mas também amor de uma forma mais ampla e *filia* é a base da sociabilidade. **A *filia* é o cimento consecutivo do grupo, é aquilo que os alquimistas chamavam de cola, cola do mundo.**

Maffesoli<sup>12</sup> chamava de “*glutinum mundi*<sup>13</sup>”, quer dizer, “*glutinum* é a cola, a cola do mundo” o que é que faz a cola social?<sup>14</sup> É o comum. O que é que faz a cola de duas pessoas, de uma família? É o comum, comum familiar, comum social, o comum amoroso. E esse comum é sempre definido pela partilha, é esse acerto, que instaura o comum. É o acerto de uma partilha, é fundamental esse conceito que vem do terreiro e que entra nas ciências sociais.

Por que a partilha é tão fundamental? Relação entre duas pessoas, a uma união de duas pessoas, não se tem uma divisão a aparentemente ao outro, sexo, significa cortado, *secare*, na perspectiva do comum é mais do que isso, o que realmente você quer é que o outro ou a outra sinta, ou partilhe, além do prazer físico.

É o prazer no comum. O comum é síndrome, o comum confunde e o comum, portanto, não está só na cabeça, não atravessa os músculos do corpo, atravessa o sensorial, atravessa o espírito. Essa noção do comum, onde ela estava? Ela estava numa certa tradição de pensamento alemão - que a sociologia americana, nem a sociologia francesa, não quis - a da sociologia de Heinrich Rickert<sup>15</sup> e de Weber<sup>16</sup>. Enfim, é a sociologia que acolhe os sentidos, quem acolhe as formas de viver, pois

---

<sup>11</sup> “Exprime noção de afeição, gosto ou preferência”. Dicionário Priberam.

<sup>12</sup> MAFFESOLI, Michel. Sociólogo francês, que teve destaque em criar o conceito “tribo urbano”.

<sup>13</sup> MAFFESOLI, Michel. **La contemplation du monde: figure de style communautaire**. Paris: Grasset: Frasnelle, 1993.

<sup>14</sup> “Me interessei pelo que faz o coração pulsante da sociologia: o laço social. Ou, como prefiro dizer, a cola social, o *glutinum mundi*” (MAFFESOLI, 2020, p. 7). GUTFREIND, Cristiane Freitas; DA SILVA, Juremir Machado; JORON, Philippe. **Laço social e tecnologia em tempos extremos: imaginário, redes e pandemia**. Porto Alegre: Sulina, 2020.

<sup>15</sup> Heinrich Rickert (1863-1936) foi um filósofo alemão, de corrente neokantiana e um dos fundadores da Escola de Baden. Vide: Introdução aos problemas da filosofia e da história (1924).

<sup>16</sup> Maximilian Karl Emil Weber, Max Weber (1864-1924) foi um sociólogo alemão e um dos fundadores da Sociologia.

---

bem, a perspectiva dos cultos afros, perspectiva do terreiro, é a perspectiva dessas formas, é a perspectiva de partilha, mesmo na pobreza é partilha, portanto, conviver é partilhar.

As grandes explicações racionais trazidas pela sociologia, pela psicologia, pela antropologia já cansaram um pouco. Você vê a estrutura, digamos, de emprego no Brasil, e observa que existe uma diferença de ganhos para as mulheres, diferença também vista sobre mulheres negras, sendo o maior número de casos de vítimas de discriminação. Utiliza-se de pesquisa estatística sobre, conseqüentemente ela torna-se debate político, mas esses fenômenos não explicam o racismo, apenas apresentam uma superfície.

Os dados são externalidades, estão fora de você, estão nas estruturas sociais, elas poderão ser discriminatórias, mas o racismo não é estrutural, pois, a síndrome vem antes. o racismo reside nas relações subjetivas e instituições que regulam valores e comportamentos, como Família, Escola, Religião e Marinha, para citar exemplos distintos.

## **FORMA SOCIAL ESCRAVISTA EM CONTRAPOSIÇÃO AO RACISMO ESTRUTURAL**

**Integrantes do GEMS:** Você afirma que racismo não é estrutural. Este conceito “estrutural”, não serviria para ser mais palatável aos nossos interlocutores?

**SODRÉ:** Sem dúvida nenhuma, a palavra “estrutura” permite uma conversa acadêmica. Se o racismo é estrutural, então você vai examinar dentro de cada uma das estruturas. Quais são as estruturas? Sociais, econômicas, jurídicas, políticas? Quais são os impedimentos? É de natureza racial. Você verá que uma política exclui as mulheres dos partidos, da possibilidade de se candidatar ou, às vezes, não respeita nem mesmo a voz delas. Veja nossa ex-aluna da ECO, Renata Souza<sup>17</sup>. Alguns deputados a agrediram na Alerj e ela peitou a todos. E por esta razão, não a agredem mais. E eu sei que é difícil. Marielle Franco<sup>18</sup> foi assassinada. A estrutura econômica e

---

<sup>17</sup> Renata Souza é a mulher mais votada da história da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj). Em 2022, reelegendo-se deputada estadual, alcançou esse recorde com o voto de 174.132 pessoas. Atualmente, é presidenta da Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher (CDDM) da Alerj. Renata é cria da Maré (complexo de favelas da Zona Norte do Rio de Janeiro), jornalista e pós-doutora em Comunicação e Cultura (UFRJ). Disponível em: <https://www.renatasouzapsol.com.br/>. Acesso em: 18 abril 2024.

<sup>18</sup> Marielle Franco é mulher, negra, mãe, filha, irmã, esposa e cria da Maré. Socióloga com mestrado em Administração Pública (UFF), foi eleita vereadora da Câmara do Rio de Janeiro com 46.502 votos, foi também presidente da Comissão da Mulher da Câmara. No dia 14/03/2018 foi assassinada em um atentado ao carro em que estava. 13 tiros atingiram o veículo, matando também o motorista Anderson Pedro Gomes. Disponível em: <https://www.institutomariellefranco.org/quem-e-marielle>. Acesso em: 18 abril 2024.

---

política permite o diálogo e permite estudos. Eu não tenho nenhuma dúvida disso. Eu não sou contra que se fale em racismo estrutural. Eu não sou contra o modo de se falar “estrutural” politicamente. Eu sou contra epistemologicamente. O racismo já foi estrutural durante o período escravagista. A economia era racista porque obrigava o negro a trabalhar de graça por meio da tortura. E era permitido por quem? Pelas leis trabalhistas. Podia-se torturar escravizado, podia-se matar - embora se tentasse controlar. Havia julgamento, mas não acontecia nada.

As estruturas sociais estavam impregnadas pela discriminação racial e, portanto, abertas à ideologia racista. Só que não precisava de tanta ideologia racista, porque o lugar do negro como subalterno já estava garantido pelas leis, pela economia, pelo estado, pelo governo. Ocorre que, em 1888, a abolição terminou com a estrutura escravagista e imaginava-se que o negro estava finalmente livre para votar e para comer. Porém, foi neste momento que piorou, porque iniciou o racismo por via do fascismo.

Se na Europa o fascismo começou por meio da via política, no Brasil, ele começou por via do eugenismo. Depois da abolição, o racismo começou por médicos, psiquiatras, higienistas, jornalistas, intelectuais públicos etc. Esses eram o foco gerador do que eu chamei de *forma social escravista*<sup>19</sup>.

A forma é uma imagem posterior da estrutura. Como se fosse uma fotografia da estrutura. Se é uma fotografia, ela não tem materialidade ancorada. Mas as pessoas vivem a partir da imagem, porque essa imagem tem palavras, tem sentimentos. E essa imagem continuava mais fortemente do que antes, dizendo que o negro não valia nada. Antes, não se podia dizer que o escravizado não valia nada porque dependia-se dele para trazer dinheiro. Dizia-se que ele era um ser inferior e por isso que ele trabalhava para o seu senhor. Dizia-se que ele valia muito. Então se quisesse vender, seria caro.

Mas, uma vez que este homem está liberto, passa a não valer mais nada porque vai oferecer o trabalho e a mão-de-obra dele por um salário. E para abaixar o salário dele é necessário dizer que ele não vale nada. O trabalho que vai valer será o de gente branca. Neste momento, os europeus, brancos de olhos azuis, foram trazidos para o Brasil por serem considerados melhores e com o

---

<sup>19</sup> “De fato, o racismo de pós-Abolição é uma forma sistemática (recorrente, mas sem a legitimidade outorgada pela unidade de um sistema ou estrutura) de discriminação, baseada no imaginário da raça. Afigura-se como algo mais próximo à ideia de um “processo”, indicativo de uma dinâmica interativa de elementos discriminatórios, ao modo de uma fusão ou do que designamos como forma social escravista” (SODRÉ, Muniz, 2023, posição 528, versão *Kindle*).

---

objetivo de “melhorar a raça”, por meio do “cruzamento” com mulatos ou brancos. Ou seja, essa é a forma. Não é a estrutura. E essa forma que continua até hoje.

**A estrutura está fora da gente. A forma não. A forma está dentro e fora. É interna e externa. A forma é o que eu sinto e o que eu faço. A estrutura não é o que eu sinto. Então, quando se afirma que o racismo é estrutural, é uma forma de minimizar a força do racismo. Não vai mudar nunca sendo estrutura.**

É importante ressaltar que a luta precisa ser dentro da estrutura também. (...) Por isso sou a favor das cotas. As políticas de ações afirmativas são importantes. A Escola tem que ser reeducada. Os professores precisam ser reeducados. Os pais e mães também. E depois reeducar o próprio homem negro. (...) Tem que acabar com o machismo, que é uma forma de racismo contra as mulheres. É um outro tipo de racialização que se acrescenta.

## CONTRIBUIÇÃO DA COMUNICAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE NOVAS EPISTEMES

**Integrantes do GEMS:** Em obras como “O Fascismo da Cor” e “Ciência do Comum”, o senhor traz o método da Comunicação como o método rapsódico, o sinóptico. Como a Comunicação pode contribuir com essa luta das vozes afro-diaspóricas, na perspectiva de construir outras epistemologias?

**SODRÉ:** Eu acho que eu enunciei esse método em “A Ciência do Comum” porque eu sempre achei que a Comunicação veio para relativizar o isolamento disciplinar. **Quando você pensa academicamente, a Comunicação é uma ciência indisciplinar**, ou seja, sem disciplina fixa. Existe rigor, mas uma indisciplinada separada. A sociologia tem o seu objeto, a antropologia tem o seu objeto, a psicologia tem o seu objeto. **Eu diria que o objeto da Comunicação é o Comum.** Mas exatamente por ser o Comum, ele se abre para a pluralidade dos objetos, das ciências no campo do pensamento social. Tanto que, à medida que se têm expandido os estudos de Comunicação, determinadas disciplinas vão perdendo força na Academia e até mesmo acabando. Por exemplo, onde você tem um curso de sociologia *latus sensus*? Acho que só no IFCS/UFRJ<sup>20</sup>.

**A Comunicação foi disruptiva.** Essa indisciplinada que veio do mercado, não veio à toa. Ela vem também para mostrar a insuficiência do pensamento social tradicional sobre a mudança cultural

---

<sup>20</sup> Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ.

---

que essas máquinas todas realizam e operam. Então eu diria que é um ser rapsódico<sup>21</sup>. Logo, incluir em um objeto de estudo - ao mesmo tempo - história, análise de estrutura, efeitos e subjetividades, portanto, é uma tentativa de totalizar o objeto, tem mais a ver com uma filosofia ativa do que com a sociologia ou antropologia. É uma filosofia prática. Uma prática filosófica de refletir sobre um objeto determinado. Isso não quer dizer que você não possa fazer monografias sobre determinados aspectos do mundo industrial, do mundo comunicativo. Porém **o objetivo científico e teórico da Comunicação é oferecer perspectivas totalizantes sobre o que é o homem, o que é a mulher, o que é a pessoa humana depois dessa revolução trazida pelas máquinas de informação**, depois do digital, depois da Inteligência Artificial, depois do computador. Isso é uma mudança. A pessoa que está ali parada é a mesma pessoa de antes? Eu acho que a Comunicação está para dar essa resposta. E para dar essa resposta, ela não pode deixar às margens a comunidade, a família. É pretensiosa. É um campo de saber pretensioso. Mas ele é, eu diria, totalizante. Ele quer ser abrangente.

## REFERÊNCIAS

SODRÉ, Muniz. **A Ciência do Comum**: notas para o método comunicacional. Editora Vozes Limitada, 2015.

SODRÉ, Muniz. **O Fascismo da Cor**: uma radiografia do racismo nacional. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

---

<sup>21</sup> Rapsódico é um conceito que o autor detalha na obra “Pensar Nagô” (2017). Ver: SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

